

▼ OPÇÃO DE RENDA

Índias caingangues abrem uma malharia em Chapecó

Montada com empréstimo da Funai, a empresa terá produção inicial de 800 peças de roupas

PAULO ÉDSON PAIM

Chapecó

Dez mil reais podem representar o início de uma nova fase para a civilização



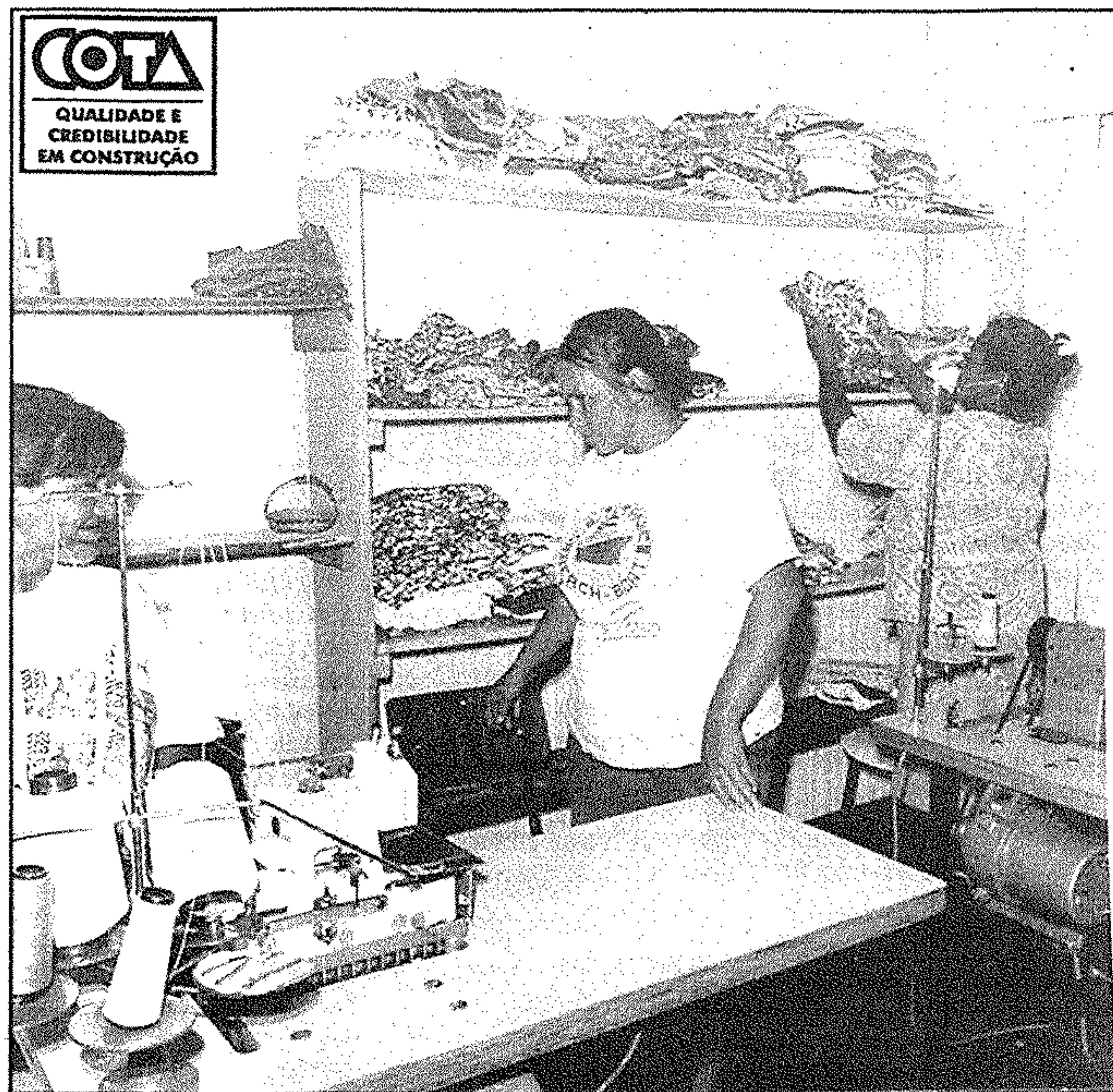
caingangue em Santa Catarina. Com dificuldades para se manterem na terra,

devido à falta de recursos e à má fase da agricultura, os índios do Toldo do Chimbangue, em Chapecó, começam a pensar industrialmente, buscando criar novas fontes de renda. A idéia deverá ser adotada em outras reservas indígenas.

Com apoio da Funai, eles criaram uma empresa de confecção de roupas, as quais serão comercializadas nas demais reservas indígenas do Estado. Seis índias trabalham em seis máquinas de costura e pretendem produzir, inicialmente, 800 peças. Para se capacitarem, elas fizeram um curso de 560 horas, entre novembro de 1995 e fevereiro deste ano.

A empresa começou a confecção de roupas na semana passada. O registro industrial está encaminhado e a empresa se chamará Malharia Chimbangue. Os R\$ 10 mil para a compra das máquinas foram financiados pela unidade regional da Funai de Chapecó. Os índios vão pagar o empréstimo através do desconto

Profissionalização



IRINEU DALLA VALLE/DC/Chapecó

Para aprender a lidar com as máquinas, as índias tiveram 560 horas de aulas

de um percentual - ainda não definido - da produção.

Depois de três meses de cursos, as caingangues trabalham ainda em uma sala improvisada, na escola do Toldo do Chimbangue, há cerca de 15 quilômetros de Chapecó.

Mas o resultado prático já começa a aparecer. Camisas, saias e shorts são confeccionados com boa qualidade. A produção, além de ser vendida em outros toldos, também estará à venda, em breve, no Centro de Chapecó, onde os índios pretendem alu-

gar uma sala e abrir uma loja.

INSTRUTORAS - Duas das seis costureiras caingangues destacaram-se mais durante o curso e se tornaram instrutoras de costura do Toldo. Elas serão responsáveis pela capacitação das demais índias da tribo. "Uma delas também é desenhista e cria novos modelos", destaca o chefe do Posto da Funai do Toldo do Chimbangue, Ari Prág Paliano.

O projeto da Malharia Chimbangue deverá ser expandido no futuro. Os tecidos

são comprados diretamente nas fábricas, para que o preço seja bargainado, a produção fique mais barata e as roupas possam ser vendidas com uma pequena margem de lucro aos demais índios do Estado. A cada final de mês, será feito um balanço da microempresa, para que os caingangues possam reembolsar a Funai e pagar as costureiras, que trabalham oito horas por dia na malharia e não vão receber salário fixo. A remuneração, em dinheiro ou roupas, é calculada com base nos lucros da empresa.

Tribo planeja também criar rãs

A pergunta que poderia ficar no ar é por que somente as índias trabalham num projeto industrial pioneiro? O trabalho, afinal, também poderia ser feito pelos índios. "O índio precisa continuar trabalhando na agricultura e cultivando os alimentos para a tribo", explica o chefe do Posto da Funai do Toldo do Chimbangue, Ari Prág Paliano. Ele diz que a tribo está com 12 açudes prontos para a criação de peixes. E informa que

acriação de rãs também está entre as atividades a serem implantadas pelos caingangues. Além disso, os índios estão plantando 15 mil pés de erva-mate. A cultura começa a produzir em três anos. Os índios são remunerados pela tribo para plantarem a erva-mate, com pagamento feito por dia trabalhado. A empresa de roupas também inviabiliza, pelo cumprimento de horário, que as seis costureiras

trabalhem em casa. Por isso mesmo, quando a empresa crescer e absorver mais mão-de-obra, nem todas as índias da tribo poderão ser funcionárias da malharia.

HABILIDADE - Uma das seis costureiras da Malharia Chimbangue, que se tornou instrutora de costura da tribo, é Paulina Antunes Cândo, 37 anos. Ela já tem a habilidade de uma profissional. Nunca tinha trabalhado com máquinas de overlock,

nem feito costura reta ou em zigue-zague, coisas que agora faz com naturalidade. "Não sei por que me escolheram como instrutora", diz Paulina, com a humildade e o sorriso tímido dos caingangues. Além das peças em malha, as índias também pretendem, nos próximos meses, trabalhar com a confecção de moletoms. "No inverno, isso vende muito", dizem as caingangues, entusiasmadas.